UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Cíntia Lumertz Pereira de Sousa

A RELAÇÃO TRABALHO-EDUCAÇÃO:

UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE FUTURAS PROFESSORAS

Porto Alegre

2º Semestre

2013

Cíntia Lumertz Pereira de Sousa

A RELAÇÃO TRABALHO-EDUCAÇÃO:

UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE FUTURAS PROFESSORAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a o obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora:

Profª. Drª. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre

2º Semestre

2013

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus que sem ele na minha vida, nada seria possível;

Aos meus pais: Assis e Naira que sempre estiveram ao meu lado e que sempre me trataram com muito carinho e amor, amo vocês!

Ao meu irmão Edison que mesmo sem demonstrar muito, sei que sempre torceu por mim e que deseja muito o meu bem;

A meu marido, companheiro, amigo Sidnei que esteve comigo desde o inicio, me apoiando e me ajudando em tudo que precisava. Sem ele em minha vida, talvez, nada disso seria possível;

A todos os meus familiares que torceram por mim, especialmente a minha tia Volni Burguez, quem me presenteou com um curso pré-vestibular e que sem ela ter tomado a iniciativa, talvez esse momento não acontecesse dentro de uma universidade pública e de qualidade como a UFRGS.

A minha orientadora Laura Souza Fonseca, que desde o inicio me acolheu com muito carinho e muita atenção, me mostrou uma realidade da infância que eu desconhecia e, com certeza, me fez ter outra concepção sobre a nossa sociedade.

Aos colegas do Grupo Trabalho e Formação Humana (GTFH) com os quais aprendi muito.

A tod@s professores que tive em toda a minha graduação, mas especialmente a professora Ilza Jardim, que me ajudou muito, em todos sentidos, que foi mais que uma professora, foi uma amiga e que eu tenho um carinho e respeito muito grande.

E por fim a todas as colegas que fiz ao decorrer desses quatro anos e meio, especialmente a Fernanda, Lidiane, Patrícia, Mariana, Cristiane, Luana, Monique, e Liliane.

Muito obrigada!

Dedico esse trabalho a todas as crianças e adolescentes os quais eu tive o privilégio de conhecer na minha trajetória acadêmica.

“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la”.

Eduardo Galeano

Babilônia Em Chamas -Tribo de Jah

Babilônia em Chamas!
Babilônia em Chamas!
Chamas da destruição
Chamas da destruição...

Os dias são esses (Esses!)
Dias de hoje (Hoje!)
O mundo é confuso
Hum! Hum!
Mundo imundo...

Todos têm suas verdades
Todos têm suas mentiras
Os sábios da iniqüidade
Não temem as chamas da ira
Da ira de Jah!(Jah! uh! uh! uh!)
Da ira de Jah!(Jah! uh! uh! uh!)
Ninguém se lembra de Jah....

Babilônia em Chamas!
Babilônia em Chamas!
Chamas da destruição
Chamas da destruição...

Olhe pr'os guetos
E veja a escravidão
As vítimas da pátria
Filhos da opressão
Vivendo, sofrendo, morrendo
Vivendo, sofrendo, morrendo
Prá alimentar
Os donos da situação
Quem são?
Os donos do poder!
O cérebro do sistema
Hum!
Donos da situação...

-"Jah-Jah, proteja meus filhos
Das Chamas da Destruição

faya, faya, faya faya inna babilon town
faya, faya, faya faya inna babilon town

Babilônia em Chamas!
Babilônia em Chamas!
Chamas da destruição
Chamas da destruição
Babilônia em Chamas!
Babilônia em Chamas!
Chamas da destruição (Chamas!) Chamas da destruição...

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) analisou as concepções da relação trabalho-educação em um grupo de formandas de Pedagogia 2013/02 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O interesse pela temática possui dupla origem: as histórias vivenciadas no período em que fui bolsista de extensão universitária na ação "O PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantojuvenil) em uma escola municipal na Grande Cruzeiro" e a prática de ensino no 7º semestre do curso, realizada em uma turma de 5º ano de uma escola estadual em Porto Alegre. Optamos pelo estudo de caso como metodologia articuladora de uma leitura de documentos e um grupo focal. Tomamos como documentos o diário de campo do período de extensão e o diário de classe da prática de ensino. O grupo focal constituiu-se por acadêmicas do último semestre da licenciatura de Pedagogia 2013/02, cuja experiência de prática de ensino deu-se em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com crianças, adolescentes, jovens e adultos. Fazemos a discussão teórica da relação trabalho e escola básica tendo como autores centrais FRIGOTTO (2005), KUENZER (1998) e FONSECA (2008). A guisa de considerações finais, podemos anunciar uma ruptura entre a experiência de trabalho e a vida escolar, incluindo a discência universitária.

Palavras-chave: trabalho-educação; prática de ensino; formação docente.

TABELA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACED	Faculdade de Educação
GTFH	Grupo Trabalho e Formação Humana
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantojuvenil
PROREXT	Pró-reitoria de Extensão
T.I.J	Trabalho Infantojuvenil
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TRAMSE	Trabalho Movimentos Sociais e Educação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 10

1. APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA..... 13

1.1 TRAJETÓRIA NA EXTENSÃO: O TRABALHO INFANTOJUVENIL 13

1.2 TRAJETÓRIA NA PRÁTICA DE ENSINO: FORMAÇÃO DOCENTE.....17

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO..... 19

3. RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO.....23

3.1 ACHADOS E REFLEXÕES.....25

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 31

REFERÊNCIAS.....34

INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentamos resultados de uma pesquisa de caráter qualitativo cujo objetivo foi analisar de que forma um grupo de futuras professoras pedagogas[1] da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) compreendem a relação trabalho-educação no seu fazer docente. E, além disso, refletir sobre a trajetória acadêmica da autora, enquanto discente, bolsista, docente e trabalhadora. A educação e o trabalho são um espaço de disputa no cotidiano de muitas crianças, jovens e adultos. Associar trabalho e educação parece muito comum em discursos da vida cotidiana, é visto quase como natural pela nossa sociedade, porém chamamos atenção para a maneira pela qual ocorrem esses entrelaçamentos, destacamos aqui o trabalho infantojuvenil e a exploração da força de trabalho pelo capitalismo.

Para realização dessa pesquisa fizemos um breve mapeamento nas produções acadêmicas do LUME (repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Utilizamos como recorte temporal, o período da minha formação acadêmica (2009/02 a 2013/01), na categoria de trabalhos de conclusão de curso (TCC), do curso de Pedagogia-licenciatura da FACED/UFRGS, a partir dos descritores: escola, trabalho-educação e trabalho infantil. Foi constatado que há poucas produções sobre a temática trabalho-educação, relacionando esses três descritores. Encontramos apenas três produções, de alunas que pertenciam ao Grupo de Estudos Trabalho e Formação Humana (GTFH). Desta forma, estudei a temática, refletindo sobre questões pertinentes a partir das produções acadêmicas (TCC).

Em uma das produções, Gomes (2010), expressa a necessidade para a nossa formação enquanto professoras de estudarmos esta temática dentro da academia, com o intuito da radicalização do espaço público e da produção do conhecimento em nossa universidade e seu papel social, em que compreende essa discussão como um dever. Nesta mesma perspectiva, porém mais especificamente com relação ao trabalho infantojuvenil e a escola, Ozorio (2010), em sua pesquisa

[1] Utilizo a palavra pedagogas no gênero feminino, pois o curso na sua maioria é composto de mulheres.

constatou que há um desconhecimento e/ou desinteresse por parte da escola sobre os alunos inseridos no trabalho infantojuvenil. Pensar essas questões apontadas nas duas produções é interessante para compor passos que permitam à minha investigação uma reflexão do que já foi produzido.

O interesse em estudar a relação trabalho-educação em meu trabalho de conclusão de curso surgiu a partir de dois momentos: primeiramente das histórias vivenciadas no período em que fui bolsista de extensão universitária na ação[2] "O PETI[3] (Programa de Erradicação do Trabalho Infantojuvenil) na Escola Municipal da Grande Cruzeiro[4]" e depois da minha prática de ensino no período de estágio no 7º semestre do curso, realizada em uma turma de 5º ano de uma escola estadual em Porto Alegre. Nesses dois momentos de formação, tanto na condição de bolsista de extensão universitária e de atuação enquanto docente no estágio obrigatório do curso de pedagogia me questionava: *Qual é o papel da educação? O que é educar? Educar para que? O que é trabalho? A escola se preocupa com a formação humana de seus alunos? É possível pensar a escola como um lugar de formação humana em tempos de capitalismo? A educação é para vida ou para o trabalho?*

Partindo desses questionamentos, valho-me da perspectiva teórica do Grupo Trabalho e Formação Humana (GTFH) visando à busca de respostas e refletindo constantemente sobre essas indagações. Para tanto, minhas questões de pesquisa são definidas da seguinte forma: (a) quais são as concepções de um grupo de futuras professoras pedagogas da UFRGS sobre a relação trabalho-educação? (b) de que maneira as minhas vivências ao decorrer da trajetória acadêmica me auxiliaram na minha concepção sobre a relação trabalho-educação?

Com relação aos processos investigativos, optamos pelo estudo de caso como metodologia articuladora de uma leitura de documentos e um grupo focal.

---

[2] Ação de Extensão orientada pela professora Dra Laura Souza Fonseca, vinculado a Pró-reitoria de Extensão (PROREXT/ UFRGS) no período de 2009 a 2011.

[3] O PETI era um programa do Governo Federal que articulava um conjunto de ações visando à retirada de crianças e adolescentes de até 16 anos das práticas de trabalho infantojuvenil, exceto na condição de aprendiz a partir dos 14 anos.

[4] Grande Cruzeiro é a maneira como é conhecida a Microrregião 5 do Conselho Tutelar em Porto Alegre, incluindo os bairros: Belém Velho, Cascata, Cristal, Glória, Medianeira e Santa Tereza. Ou a região X do Orçamento Participativo, bairros, Medianeira, Santa Tereza. Mapeada como região oeste na referência das escolas municipais (SMED).

Tomamos como documentos o diário de campo do período de extensão e o diário de classe da prática de ensino. O grupo focal constituiu-se por acadêmicas do último semestre da licenciatura de Pedagogia 2013/2, cuja experiência de prática de ensino deu-se em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Este trabalho está organizado em quatro seções. A primeira seção intitulada *"Aproximações com a temática"* destaco a trajetória que me motivou pesquisar sobre a relação trabalho-educação em meu TCC. A segunda seção chamada *"Aspectos metodológicos de investigação"* apresento as metodologias utilizadas na coleta de dados da presente pesquisa. A terceira seção nomeada *"Relação trabalho e Educação"* traz o referencial teórico e as sistematizações. E por fim, exponho as seção *"Considerações Finais"*.

1. APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA

Dos nossos medos nascem as nossas coragens, e em nossas dúvidas, vivem as nossas certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios outra razão. Nos descaminhos esperam-nos surpresas, porque é preciso perder-se para voltar a encontrar-se. (Eduardo Galeano)

Como diz o escritor Eduardo Galeano, são em nossas dúvidas que vivem as nossas certezas, e os sonhos anunciam outra realidade possível, e é essa busca que me inspira à escrita do TCC, a de acreditar que é possível outra realidade. Nessa seção irei apresentar os caminhos que me levaram a me interessar por pesquisar sobre a relação trabalho-educação em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

1.1 TRAJETÓRIA NA EXTENSÃO

Quando entrei na UFRGS em 2009 tive que sair do emprego que trabalhava devido o curso de pedagogia ser ministrado na parte da manhã e eu trabalhar em turno integral. Logo, descobri que a universidade oferecia bolsas de monitoria, extensão e pesquisa para os estudantes. Interessei-me e consegui uma bolsa de extensão pela PROREXT/UFRGS orientada pela professora Laura Souza Fonseca, na qual pude ter o privilégio de ficar por dois anos.

A bolsa de extensão tratava de acompanhar crianças e adolescentes em uma escola municipal de Porto Alegre, na busca de identificar se havia alguma situação de exploração pelo trabalho infantojuvenil. E a partir disso, tentar descobrir se as crianças e adolescentes inseridas no T.I.J eram beneficiarias do PETI. O PETI era um programa do Governo Federal em parceria com os municípios, que articulava um conjunto de ações visando retirar crianças e adolescentes da situação de T.I.J. Existiam três condicionalidades exigidas pelo programa: (1) transferência direta de renda a famílias com crianças e adolescentes em situação de T.I.J; (2) serviços de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças/adolescentes até 16 anos; e (3) acompanhamento familiar através do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

Dentro dessas três condicionalidades, meu foco era o item (2) serviços de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças/adolescentes até 16 anos. Essa convivência acontecia da seguinte maneira, a/o criança/adolescente tinha que ter 85% de frequência na escola e 85% na jornada ampliadas, que no caso da cidade de Porto Alegre era conhecida como espaços socioeducativos, na política de Assistência Social nomeada Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE), no contraturno da escola. Então, eu tentava observar como acontecia essa articulação entre os dois espaços, como que era o controle dos 85% de frequência, que atividades eram propostas, quais eram os tipos de trabalho que os sujeitos estavam inseridos, etc.

Na escola, no primeiro ano na condição de bolsista, acompanhei dezenove turmas do turno da tarde na faixa etária de 9 a 14 anos de idade, assistia às aulas das turmas, observava as crianças e os adolescentes na hora do intervalo, observava a rotina na sala dos professores, buscava saber de quais projetos a escola participava, quais eram as atividades que a escola oferecia além do ensino normal, enfim, buscava conhecer a rotina das crianças/adolescentes que estavam inseridas na escola. Minha inserção, para começar a identificar como era a rotina das crianças e dos adolescentes fora da escola, partiu de uma proposta de oficina de desenho. Na proposta sugeri que as crianças fizessem um desenho que contemplasse duas situações: (a) quem sou eu, e, (b) coisas que faço no meu dia. Nos desenhos apareceram realidades pertinentes e instigantes, que me fizeram refletir sobre os sujeitos inseridos na escola. Observe os desenhos:

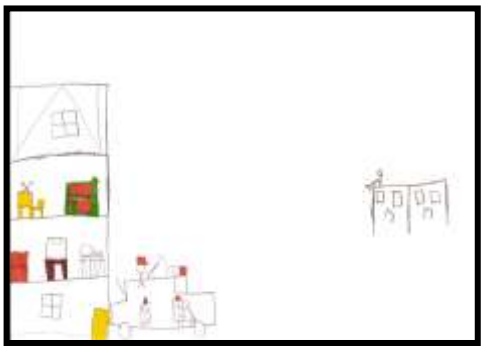

Figura 1: Desenho de um aluno

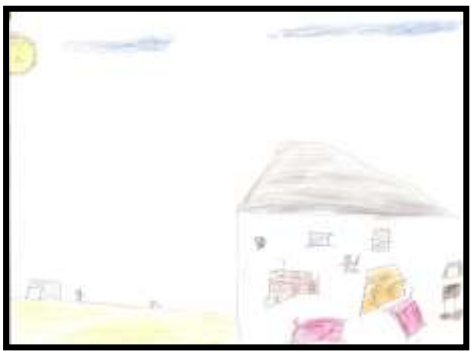

Figura 2: Desenho de uma aluna

É possível observar na figura 1, a casa do aluno, que aparece com três andares, um carro de polícia entrando na rua e de cima de um prédio observava um “bonequinho” atirando contra a viatura da polícia e a polícia atirando contra ele. Na figura 2, a imagem representa uma casa bagunçada, os móveis estão “soltos” pela casa, e uma criança está segurando uma vassoura, do outro lado da imagem aparecem crianças jogando bola. Pude conversar com os alunos sobre os desenhos, o aluno da figura 1, me comentou que na casa em que ele mora, moravam mais outras famílias, cada família tinha “uma peça/um puxadinho” e que às vezes a polícia passava na rua atirando contra os traficantes, ele alegou que desenhou isso, porque faz parte da vida dele, mesmo ele tendo medo dessa situação. Na figura 2, a aluna fez a sua casa, ela disse que só pode ir brincar na rua, depois de fazer todas as atividades domésticas de casa.

A partir dos desenhos fiquei pensando sobre a vida que as crianças/adolescentes têm fora da escola, e isso me interessava cada vez mais a conhecer os sujeitos inseridos na escola. Ao decorrer das oficinas, compartilhei de ótimas experiências, eram momentos de muito aprendizado. Fizemos oficinas sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, utilizando o ECA da Turma da Mônica, imagens sobre direitos e deveres da criança e do adolescente. Realizamos jogos, criados pelo GTFH, mais especificamente um baralho e um tabuleiro, com imagens e frases sobre o ECA e o trabalho infantojuvenil. As cartas tinham um desenho e uma frase representando uma atitude ou ação adequada ou inadequada. Nossos debates eram sempre voltados aos direitos das crianças e dos adolescentes, a divulgação do ECA e a problematização do trabalho infantojuvenil.

Figura 3: uma carta do baralho (adequada)

Figura 4: uma carta do baralho (inadequada)

Na extensão, enquanto bolsista pude conhecer outra face da infância e da adolescência que eu não muito conhecia. Descobri uma realidade um pouco cinzenta, crianças e adolescentes levam a vida com tantas responsabilidades, obrigações, violências, medos e, que, muitas vezes a professora que está quase que diariamente com ele/ela não sabe quase nada sobre a vida daqueles sujeitos. Durante o período de extensão, tive o privilegio de frequentar algumas vezes a reunião da rede de proteção do Conselho Tutelar (CT) da microrregião 5, pude conhecer e dialogar com assistentes sociais dos espaços de apoio socioeducativo. E em ambos espaços foi possível constatar que havia casos de alunos que faltavam à escola e ao SASE devido à questão do trabalho infantojuvenil, tais como: avião no tráfico de drogas, catador de resíduos sólidos para reciclagem, exploração sexual e comercial, vendedor de frutas e verduras em carroças ou na feira, vendedor de balas nos semáforos e coletivos entre outras.

A questão do trabalho está fortemente imbricada com a escola. "*Trabalho*" é uma categoria importante de conceituarmos nessa pesquisa, porém nesse momento quero chamar a atenção para o trabalho infantojuvenil, ou melhor, dizendo exploração do trabalho infantojuvenil como Fonseca (2013), conceitua:

> Toda a prática laboral – formal ou não-formal – realizada por crianças e adolescentes, menores de 18 anos, sem caráter educativo, desrespeitando os limites do sujeito, com riscos diretos ou indiretos, como estratégia de sobrevivência, remunerada direta ou indiretamente, desenvolvida em casa ou na rua, caracterizando exploração da força de trabalho. E, mesmo quando travestido de ajuda, a forma de trabalho explicita marcas de classe, etnia e gênero. Compreendendo que a contradição principal do fenômeno, crianças e adolescentes inseridos de forma precoce e/ou desprotegida do mundo do trabalho, está no enfraquecimento da potencialidade ontológica dessa forma de trabalho, isto é, quando fazemos o corte geracional, o trabalho, categoria fundante do ser social e cuja centralidade determina a vida humana, torna-se mutilador do presente e do futuro; não raro, reproduzindo vivências familiares.

A exploração ocorre sob diversas formas. Cabe destacar a diferença entre ajuda e o trabalho doméstico, em conversas e oficinas realizadas na escola as meninas se mostravam como "mães" dos irmãos mais novos e ou "donas de casa", pois ficavam a elas a responsabilidade de cuidar dos irmãos e o serviço doméstico

da casa, o que às vezes acarretava a infrequência na escola e no SASE. Percebi que na escola essas questões não eram problematizadas, quando percebidas eram vistas como algo natural, ou seja, sempre foi assim. O poeta Bertold Brecht atenta-nos apreciavelmente ao problema da naturalização, em seu poema “nada é impossível de mudar”, que diz:

> *Desconfiai do mais trivial,*
> *na aparência singelo.*
> *E examinai, sobretudo, o que parece habitual.*
> *Suplicamos expressamente:*
> *não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,*
> *pois em tempo de desordem sangrenta,*
> *de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,*
> *de humanidade desumanizada,*
> *nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.*

Esse poema nos remete a realidade que encontramos no cotidiano dentro das nossas escolas, nas rodas de conversas, nos espaços públicos, nas políticas públicas, que infelizmente, muitas pessoas acreditam que não é possível mudar. Porém, como futura professora, acredito: mais do que possível, é necessário mudar!

1.2 TRAJETÓRIA NA PRÁTICA DE ENSINO: FORMAÇÃO DOCENTE

Minha prática de ensino, também conhecida como estágio obrigatório foi realizado em uma turma de 5º ano em escola estadual de Porto Alegre. A turma era composta por 26 alunos, com faixa etária de 10 a 14 anos de idade. Minha intenção desde o começo era conhecer e saber mais sobre a vida dos meus alunos, na escola e fora dela. Priorizei o diálogo como estratégia na busca de captar as necessidades e de conhecer mais as crianças e adolescentes inseridos na turma.

Acredito que devido eu ter presenciado na extensão a relação estreita do trabalho e da educação, quando fui fazer meu estágio docente foquei no olhar atento aos estudantes, nas suas narrativas, suas produções textuais com o intuito de conhecê-los, e, também na perspectiva de verificar se tinha algum aluno que estivesse inserido no trabalho infantojuvenil explorado. Na sala de aula, pelo que constatei não tinha estudantes que passassem por essa situação, pelo menos não ficou nada evidente durante os quatro meses de estágio.

Na formação docente uma das minhas grandes preocupações estava voltada à reflexão sobre o papel da educação e, durante o período de prática de ensino,

essa preocupação se tornou mais evidente. Como construir uma educação cuja prioridade seja o ser humano? Ao decorrer das aulas, refletia sobre isso, muitas vezes o planejado para aula não dava certo, ou melhor, dava certo, o que acontece é que estar na sala de aula não é apenas estudar os conteúdos contidos em planos diários, mas sim refletir, constantemente, sobre o que está acontecendo no mundo. Certa vez em uma aula, levei um texto para turma, fizemos a leitura, o debate, encenamos as falas, opinamos sobre o que o texto trazia, mas, além disso, trouxemos a discussão do texto para a nossa vida. A turma inteira demonstrou interesse e entusiasmo de participar, de trocar ideias e opiniões. Fiquei muito satisfeita com a nossa aula, e acredito que os estudantes também; percebi que perpassaram diversas aprendizagens a partir de um texto. Interessante foi na hora de fazer as anotações no diário de classe sobre como tinha sido a nossa aula, me dei por conta que os estudantes não tinham copiado nada no caderno nesse dia e que a aula tinha sido muito rica. O que para muitos pareceria um pouco contraditório, principalmente, para os pais que têm que visualizar no caderno o que foi “apreendido” na aula, a educação vai além de anotações, conteúdos e registros no caderno. Dizia o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey que a educação não é para vida, ela é a própria vida e a partir dessa ideia que tentei encaminhar a minha prática de ensino.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO

Para realizar um trabalho de pesquisa se faz necessária a definição do tipo de abordagem, qualitativa e/ou quantitativa, que possa adequar à natureza do fenômeno que se pretende investigar. Pesquisa qualitativa, a partir dos estudos de Minayo (2009), entende-se como aquela que trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, das atitudes, no pensar sobre a sua forma de agir e de pensar. Do meu ponto de vista, o tipo de abordagem mais adequada para o que a pesquisa propõe, visto que trata de saber as concepções de futuras professoras sobre a relação trabalho-educação.

Na oitava etapa do curso de Pedagogia realizamos o TCC, e fazemos uma disciplina obrigatória chamada “Reflexão sobre a Prática Docente”, em que ocorrem encontros semanais e que a professora titular e o grupo de estudantes compartilham, discutem, refletem sobre as propostas de seus Trabalhos de Conclusão de Curso e dão opiniões, sugestões nos trabalhos umas das outras. Quando apresentei para a turma e para a professora a proposta de investigação do meu TCC que era a relação trabalho e educação, as colegas e a professora não entenderam, disseram que faltava algo, afinal de contas que relação é essa que eu queria saber? Estranhei o questionamento do grupo porque para mim estava evidente o que eu queria dizer. As perguntas que surgiram das colegas era saber que relação era essa – trabalho e educação – que eu queria investigar, se era sobre o professor como ele se via enquanto estudante e trabalhador, se essa relação era uma análise sobre como isso ocorre na vida dos estudantes, etc. Tive que expor para o grupo que a temática “trabalho e educação” compõe estudos de grupos de pesquisa como GT Anped 9, TRAMSE (FACED/UFRGS), GTFH (Grupo Trabalho e Formação Humana) (FACED/UFRGS), entre outros.

Para a execução desta pesquisa usamos o estudo de caso como metodologia articuladora de uma leitura de documentos e um grupo focal. De acordo com Lüdke e André (19864, p.17) o estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico [...] o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. Portanto, o meu estudo de caso propõe analisar as concepções de um grupo de futuras professoras, destacando as particularidades, semelhanças, daquele grupo de pessoas. O grupo focal constituiu-se por acadêmicas do último

semestre da licenciatura de Pedagogia 2013/02, cuja experiência de prática de ensino deu-se em Educação Infantil e Anos Inicias do Ensino Fundamental com crianças, adolescentes, jovens e adultos. A partir dos estudos de Gondim (2003, p.151), compreendemos que a noção de grupos focais está apoiada no desenvolvimento das entrevistas grupais, a diferença recai no papel do entrevistador grupal exerce um papel mais diretivo no grupo. Para a realização do grupo focal, foi convidada toda turma de formandas de licenciatura em Pedagogia 2013/02, composta de 36 alunas[5]. Expus para as colegas minhas intenções de pesquisa e deixei todas à vontade para quem tivesse interesse e disponibilidade comparecessem para a realização do grupo focal. No total participaram cinco estudantes, duas que realizaram a prática de ensino na EJA e três que realizaram nas séries iniciais.

A ideia inicial era de compor um único encontro e fazer quatro questões para todo o coletivo, as questões investigativas, foram as seguintes: (a) como é que tu compreendes a relação trabalho e educação na vida dos estudantes? (b) existem estudantes trabalhadores em sua turma? (c) que elementos têm para responder a pergunta anterior? (d) como é que essa ação repercute na tua sala de aula, na tua prática? Infelizmente não consegui reunir as colegas todas juntas: três fizeram individualmente e duas realizaram juntas.

Os documentos que foram analisados tratam-se do meu diário de campo enquanto bolsista de extensão e do meu diário de classe realizado durante a prática de ensino. De acordo com os estudos de Lüdke e André (1986, p.38) são considerados documentos “quaisquer” materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano [...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Então, a partir disso foi feita uma releitura dos diários de campo e de classe, buscando apontamentos que referissem à relação trabalho e educação.

Como havia mencionado para a realização dessa pesquisa foram convidadas todas as colegas formandas do curso de pedagogia 2013/02. No total participaram da investigação cinco colegas formandas[6] do curso de pedagogia. Para caracterizar

[5] 36 alunas, distribuídos em 35 mulheres e 1 homem.

[6] Os nomes utilizados são fictícios.

o grupo focal, elaborei um breve quadro com algumas informações com relação ao grupo de colegas que participaram do grupo focal.

Participantes do Grupo Focal
Antônia – Tem 22 anos, realizou sua prática de ensino em uma escola federal, em uma turma de 1ºano do ensino fundamental. A faixa etária de seus alunos era de 6 a 7 anos de idade. Antônia não trabalha.
Clara: Tem 57 anos, realizou sua prática de ensino na Educação de Jovens e Adultos, em uma turma composta de 18 estudantes, com faixa etária entre 9 a 15 anos idade. Clara, não trabalha na área da educação, ela é vendedora de cosméticos.
Lorena – Tem 29 anos, realizou sua prática de ensino em uma escola estadual, localizada em uma zona de periferia urbana de Porto Alegre em turma de 5º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Seus alunos tinham entre 9 a 15 anos de idade. Lorena, nunca trabalhou na área da educação, ela é policial militar.
Sofia – Tem 34 anos, realizou sua prática de ensino em uma escola estadual de Educação de Jovens e Adultos, seus alunos tinham entre 15 a 72 anos de idade. Sofia é auxiliar administrativo e nunca trabalhou em escola.
Valentina – Tem 35 anos, realizou sua prática de ensino em uma escola federal, em uma turma de 2º ano do ensino fundamental. Valentina atualmente trabalha em uma escola de educação infantil.

As perguntas que orientaram a discussão no grupo focal foram as seguintes: (1) Como é que tu compreendes a relação trabalho e educação no teu fazer docente? (2) Existem estudantes trabalhadores em sua turma? (3) Que elementos tens para responder a pergunta anterior? e, (4) Como é que essa ação repercute na tua sala de aula? Todas as colegas ficaram bem a vontade para responder os questionamentos, se sentiram a vontade para falar, fazendo articulações entre teoria e prática em suas narrativas.

As construções das análises foram feitas a partir das respostas das colegas no grupo focal e das reflexões e da releitura dos meus diários de campo e classe. Assim, refleti sobre o questionamento: De que maneira minhas vivências no decorrer da trajetória acadêmica auxiliaram na concepção sobre a relação trabalho-educação?

3. RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO

Para entendermos a dimensão da relação trabalho e educação, é crucial primeiramente fazermos uma reflexão quanto as seguintes perguntas: “O que é trabalho?” e “O que é educação?”.

Para muitas pessoas o trabalho está associado só ao emprego, diretamente remunerado, é comum donas de casas considerarem-se como não trabalhadoras, pois não consideram suas atividades domésticas, por não serem remuneradas, como trabalho. Frigotto (2005) ajuda-nos a compreender o trabalho por sua dupla face, que ao mesmo tempo em que ele é o criador da vida humana ele é destruição da vida. Ou seja, do mesmo modo que ele organiza a vida, pois precisamos nos manter, usamos nossa mão de obra para conseguir renda; ele é destruição na perspectiva da exploração do capitalismo, através das condições de trabalho, extensas jornadas diárias, um trabalho alienante nas linhas de produções e o trabalho infantojuvenil em que crianças e adolescentes são inseridas de forma precoce e desprotegida.

Na perspectiva do que é educação, se faz necessário pensarmos qual é papel dela em nossa sociedade, Mészáros (2005) sustenta que a educação deve servir para a emancipação humana, que o homem como um ser social, tenha capacidade de conhecer, ter ciência do real e de, portanto, poder transformá-lo. Ou seja, a finalidade da educação é fazer com que o homem se perceba como um sujeito crítico, político, histórico, que tome ciência dos seus direitos enquanto cidadão, que lute por eles na busca de uma sociedade menos desigual, na qual o capital não explore mais os tempos de lazer, que os homens não sejam mais dominados pelas classes dominantes.

A partir dessas duas dimensões é importante pensarmos o entrelaçamento que educação e trabalho possuem. Para tanto, Saviani (2007, p.154) sintetiza que:

> [...] a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem, precisa aprender a produzir a sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um

> processo educativo. A origem da educação coincide, então com a origem do homem mesmo.
>
> Diríamos, pois que no ponto de partida a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações.

Desse modo não tem como separar esse vínculo que a educação tem com o trabalho. A partir dessa compreensão, busquei escutar as minhas colegas, e, fazer uma releitura retirando reflexões dos meus diários de campo e de classe para podermos refletir juntas sobre esse entrelaçamento que perpassa e perpassará em nossa prática docente. É importante pensarmos também, sobre o processo de formação docente, de termos uma formação continuada, na busca de uma leitura da realidade, no comprometimento com a transformação social.

Porém Saviani (2009, p.11) nos chama atenção, para o fato de que a questão de formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolve a carreira docente, temos que levar em consideração a questão dos baixos salários, das condições de trabalho, da jornada de trabalho entre outros problemas. O que, notoriamente, percebe-se é que tais condições dificultam uma boa formação e desestimulam o interesse e a procura pelos cursos de formação de professores. O discurso de que a educação é importante para a nossa sociedade, todos sabemos, mas é imprescindível pensarmos nas políticas educacionais que executam e financiam a educação.

Destaco também a importante reflexão sobre a articulação da formação docente com a relação trabalho e educação. Das cinco colegas que participaram do estudo de caso, quatro delas trabalham, assim como eu. Ambas tinham uma jornada de trabalho de no mínimo seis horas, duas assim como eu trabalham “por escala” trabalhando sábados, domingos e feriados. Faz-se necessário pensarmos que dentro da própria universidade essa relação esta fortemente imbricada, e será que nossos mestres também se conscientizam dessa relação que nós acadêmicos também vivemos? Acredito que muitos ainda não, considerando que às vezes não são compreensíveis, tratando todas as estudantes iguais, demonstrando que desconhecem a estudante-trabalhadora.

3.1 ACHADOS E REFLEXÕES

A seguir apresento a análise sobre as respostas das acadêmicas, futuras professoras, para as perguntas do grupo focal, e as reflexões sobre o tema. Relembrando, as perguntas que foram feitas ao grupo focal, foram essas:

1. Como é que tu compreendes a relação trabalho e educação no teu fazer docente?
2. Existem estudantes trabalhadores em sua turma?
3. Que elementos tu tens para responder a pergunta anterior?
4. Como é que essa ação repercute na tua sala de aula?

A partir das discussões dos grupos organizei as respostas pelas categorias: relação trabalho e educação, trabalho infantojuvenil e formação docente.

RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO

"Acho que tem uma relação bem estreita, tanto que meus alunos de EJA, diziam o tempo todo que eles frequentam a aula para ter a oportunidade de conseguir um emprego melhor, e com isso ganhar mais" [...] "na minha turma tinha muitos alunos trabalhadores, a idade deles era entre 15 a 72 anos, suas profissões eram pedreiro, doméstica, porteiro, cozinheira [...] na EJA é mais evidente para o professor perceber se o aluno trabalha [...] Meus alunos diziam que só frequentavam a escola para aprender coisa que fossem uteis para o trabalho, para testes em empresas ou concursos. (Sofia, EJA – trecho do grupo focal)

"Tive alunos trabalhadores, eles vão para aula com vontade de aprender, muitos trabalhavam oito a dez horas por dia, ah também tinha uma avó que cuidava dos netos, não era remunerado, mas era trabalho [...] alguns faltavam à aula devido o cansaço [...] chegavam atrasados e tinham que aguardar o sinal para o segundo período, mas eles chegavam atrasados porque estavam no trabalho [...] eles deveriam entrar e não ficar na rua, não sei como a escola não percebe isso" (Clara, EJA - trecho do grupo focal)

“No meu estágio não enxerguei muito essa relação entre trabalho e educação, somente percebi a questão da ajuda [...] percebi que tinha uma aluna que ajudava em casa, cuidando do irmão”. (Antônia – Anos Iniciais - trecho do grupo focal)

“Não percebi essa relação em minha prática, meus alunos eram de uma camada social classe média, moravam com pai e mãe”. (Valentina – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

“Infelizmente “as matérias que os alunos têm na escola, não possibilitam muitas aprendizagens [...] meus alunos pediam para ter aula de culinária, pois querem saber fazer algo”. (Lorena – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

Percebe-se que as duas acadêmicas que realizaram a prática de ensino na Educação de Jovens e Adultos enxergaram a estreita relação entre o trabalho e a educação. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apontaram para as colegas os motivos pelos quais buscam a escola. Na EJA fica mais evidente para o professor saber quais alunos trabalham. Nas séries iniciais alguns alunos também apontam para as colegas essa relação, na fala da acadêmica Lorena percebemos o que os alunos querem aprender, algo que “seja produtivo”. É importante pensarmos no que a educação tem se transformado. Segundo Mészáros (2008, p. 15) a educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida. Porém temos visto que a maior preocupação tem sido com o mercado de trabalho.

“No inicio do semestre fiz uma entrevista com todos os meus alunos, perguntando sobre porque tinham parado de estudar, porque estavam retornando para a escola,

o que faziam quando não estavam na escola, e a partir disso conheci um pouquinho da realidade de cada um". (Clara – EJA – trecho do grupo focal)

FORMAÇÃO DOCENTE

"Em momentos de descontração a gente conversava, e através do diálogo conseguia saber um pouco mais sobre o meu aluno". (Valentina – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

"Usei a produção textual como ferramenta fundamental para conhecer melhor os meus alunos, e através dela consegui captar o que eles esperavam da escola". (Lorena – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

"Usei como estratégia a observação para saber mais sobre os meus alunos, quem traz ele na escola, o lanche que traz de casa, a roupa que vem pra escola, se tem o material necessário [...]" (Antônia – Anos Iniciais – trecho do grupo focal

"Logo que comecei o estágio percebi que teria que mudar bastante coisa em meu planejamento, tive que abordar outros temas para atingir as demandas dos alunos" [...] "eles esperavam que a escola tivesse muita disciplina, muita regra, queriam copiar do quadro, entendo que a educação tem que ser mais libertadora, temos que otimizar mais o tempo,levar discussões para sala, porém os alunos não queriam que a aula fosse assim, principalmente os alunos mais velhos". (Sofia - EJA - trecho do grupo focal)

Por diversas estratégias, as colegas subsidiaram a busca de conhecer o seu aluno, mas todas com o mesmo objetivo. De uma maneira ou de outra, ficou evidente que em suas práticas docente o conhecimento sobre os alunos era importante, e a partir disso pensar a aula que elaborariam. Mészáros (2008, p.15) nos chama a atenção dizendo que o objetivo central dos que lutam contra a

sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a emancipação humana. Nessa direção, o fato das colegas utilizarem diferenças estratégias e de buscar conhecer um pouco a realidade do aluno, demonstra o interesse e a importância que é conhecer o sujeito na busca de auxiliá-los a se tornarem cidadãos emancipados.

TRABALHO INFANTOJUVENIL

"Uma coisa que foi bem marcante no meu estágio [...] uma vez eu estava conversando com a turma na semana do trabalho, do dia do trabalhador (1º de maio) falando sobre o dia do trabalhador, sobre o que era esse dia, e, uma menina disse assim: Profe, eu posso trabalhar? Então eu perguntei: Por que você quer trabalhar, você a recém está na escola, um dia você vai poder trabalhar... quando for grande... Então a menina disse: eu quero ajudar a minha mãe a ganhar mais dinheiro [...] dai eu fiquei... assim... o que eu faço com isso? O que eu digo pra essa menina agora?" (Antônia – Anos Iniciais – trechos do grupo focal)

"[...] meus alunos eram de classe média nenhum deles precisava trabalhar". (Valentina – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

"trabalho no caso eu não tinha nenhum aluno, só tinha aqueles que trabalhavam em casa [...] todo mundo ajudava em casa" [...] "Ah... eu tinha uma aluna que frequentemente faltava a aula e vinha com a desculpa que tinha que cuidar dos irmãos (4 irmãos), acho que vai rodar por falta". (Lorena – Anos Iniciais – trecho do grupo focal)

Nas falas das colegas, percebemos que, mesmo indiretamente, apareceram questões para refletir sobre o trabalho infantojuvenil. Fonseca (2008) nos chama a atenção para a diferença entre ajuda e a exploração do trabalho infantojuvenil, no caso da fala da colega Lorena, percebe-se uma menina que não consegue ir para escola porque precisa "ajudar" a cuidar dos irmãos mais novos. No momento em que a criança abre mão de ir para escola porque tem que cuidar dos irmãos, isso não se

caracteriza mais como ajuda, e sim como trabalho. Frigotto (2005, p.14-15) salienta que:

> O trabalho constitui-se por ser um elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Um dever a ser aprendido, socializado, desde a infância. Trata-se de aprender que o ser humano – como ser natural – necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais e socioculturais. Quando não socializa esse valor, a criança e o jovem tornam-se, ao dizer de Gramsci, espécies de mamíferos de luxo, que acham natural viverem do trabalho e da exploração dos outros. Não se trata aqui de defender a exploração capitalista do trabalho infanto-juvenil, que mutila e degrada a vida da infância e da juventude. Trata-se de educar a criança e o jovem para participar das tarefas da produção, de cuidar de sua própria vida e da vida coletiva e para partilhar de tarefas compatíveis com sua idade.

Não se trata aqui de defender que a criança e o adolescente não tenham que ajudar em casa, pois é um dever a ser aprendido, socializando as tarefas desde a infância, desde que não prejudique outros fatores, como ir à escola, brincar, adolescer.

Com relação à análise dos diários de classe e de campo, retirei excertos que escrevi a partir de reflexões que contemplasse também os três eixos abordados no TCC.

Quanto à relação trabalho e educação, formação docente e trabalho infantojuvenil
Reflexão do Diário de Classe: Hoje na aula em uma atividade que os alunos tinham que escrever o que esperam e que trazem para escola, fiquei pensativa com o que uma aluna escreveu. Ela disse que o que ela traz pra escola é a vontade de aprender porque a escola serve para isso, para aprender! E o que ela espera é ser uma cidadã. Então eu me pergunto qual o papel da educação?
Reflexão do Diário de Classe: Hoje um aluno escreveu em uma atividade em que tinha que escrever coisas que não gostasse de fazer, e ele escreveu que não gosta de arrumar a cama e nem lavar a louça. Importante pensar que ele já esta sendo inserido na partilha da arrumação da casa, o que acho muito positivo.
Reflexão do Diário de Campo: Eu gosto de ir para o SASE, o problema é ter que

lavar a louça todo dia e é só as gurias. Essa fala dessa menina me faz refletir na proposta da educação assistencial, primeiro porque algumas das crianças estão naquele espaço justamente pela questão do trabalho infantil, e porque só as meninas e não os meninos?
Reflexão do Diário de Campo: Em uma oficina foi proposto que os alunos escrevessem as escolhas que eles queriam para vida, então um menino escreveu: Eu quero estudar para conseguir um bom emprego e ser alguém bem sucedido na vida. Uma criança tão pequena e sua concepção de sucesso na vida é ter um bom emprego, será que é só isso?

Nas narrativas das colegas e nos excertos dos diários de classe percebemos a relação que tem a educação com o trabalho, tanto na vida da criança, quanto do jovem e adulto.

A partir de Frigotto e Kuenzer, três movimentos nos são imprescindíveis para pensarmos a relação trabalho e educação em um curso de formação de professores: (a) a centralidade do trabalho na vida das professoras e da categoria trabalho para compreender a docência; (b) a condição de estudante-trabalhadora em que estão colocadas parte significativa das estudantes de pedagogia e (c) o contexto do trabalho na infância e na adolescência – trata-se da forma educativa do trabalho ou da exploração?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações realizadas nesse trabalho tiveram como objetivos analisar a concepção de um grupo de futuras professoras pedagogas da FACED/UFRGS, formandas em 2013/02, sobre a relação trabalho e educação articulando uma reflexão sobre os processos de formação docente e o fenômeno social trabalho infantojuvenil. E, também pensar sobre a minha trajetória acadêmica, enquanto estudante, ex-bolsista, docente e trabalhadora.

Utilizando o estudo de caso, analisamos o nosso campo empírico a partir do grupo focal e da análise de documentos tomando três ideias centrais para compor o nosso movimento, que foram: trabalho e educação, formação docente e trabalho infantojuvenil; na investigação percebemos o quanto estas três ideias estão relacionadas. No momento que pensamos sobre o trabalho e a educação, não conseguimos separar a ideia de formação docente como algo isolado que não se relaciona, percebemos através das falas/narrativas e escritas/reflexões nos documentos de análise que essas relações estão diariamente no nosso cotidiano. Não tem como, e não devemos ignorar a realidade de nossos estudantes, seja na educação infantil, no ensino fundamental, na EJA ou na universidade.

Preliminarmente, é importante destacar de que modos apareceram essas ideias na nossa investigação. Do ponto de vista do trabalho infantojuvenil, ele apareceu mascarado através das narrativas com a palavra “ajuda”, retomando um pouco Frigotto (2005, p.14-15) o trabalho constitui-se por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito, um dever a ser aprendido, socializado, desde a infância – trata-se de que é importante para criança/adolescente saber que deve compartilhar as tarefas: arrumar a cama, lavar a louça, varrer a casa, porque é necessário que o sujeito, desde pequeno, compreenda que temos nossas necessidades e que se não a realizamos alguém faz por nós. A partir desta compreensão entendemos que precisamos aprender a ser humanos, a ser homem, que precisamos transformar a natureza para podermos extrair bens uteis delas. E que esse movimento se torna um processo educativo, dai vem a relação do trabalho e educação.

Porém, temos que estar atentos para ver de que forma acontece esse processo. Ficou evidente na fala da colega Lorena, ao relatar o excesso de faltas de uma aluna devido o seu compromisso de cuidar os irmãos, isso já não se caracteriza como ajuda, mas sim como exploração. Se pararmos para pensar, crianças/ adolescentes terão bem se dizer mais do que a metade da vida para trabalhar, ai na fase que ele tem que brincar, estudar, se divertir ela fica vítima da exploração do trabalho infantojuvenil.

Nessa mesma perspectiva cabe pensarmos sobre a importância que tem o papel do professor em estar atento as demandas, necessidades e situações que seus alunos trazem para a escola. No fazer docente de cada professora se faz necessária a constante reflexão sobre o real papel da educação e a função da escola. Encontramos essa relação diariamente nas nossas escolas, nas nossas universidades, em que nossos alunos estudam e trabalham. Os interesses em estar na escola são diversos, muitos vêem a escola como um local de qualificação para o mercado de trabalho, outros a vêem como um espaço de aprendizagens para a vida de um modo geral, mas nós, professoras, temos que sempre refletir que é somente através da educação que é possível um processo de emancipação humana e transformação social.

Percebemos que as expectativas dos estudantes-trabalhadores da EJA estão fortemente relacionadas ao mundo do trabalho, na busca de qualificação para conseguir um emprego melhor. Ficou evidente também que a partir da minha trajetória acadêmica, principalmente por ter sido bolsista de extensão, eu tinha uma preocupação com a questão do trabalho com a educação diferente das minhas colegas, afinal de contas “a educação tem tantos problemas”, que talvez por algum momento essa relação passasse despercebida.

Por fim, destaco o quanto é importante pensarmos sobre os sujeitos que estão inseridos nas nossas escolas, faculdade, universidades, cursinhos, espaços não escolares. Pensarmos o que buscam nesses espaços, quais são as necessidades desses sujeitos, de que forma estão sendo tratados nos seus espaços de trabalho, pensar sobre suas condições de trabalhos. Atentar para uma simples fala de uma criança contando o que fez quando estava fora da escola. É importante pensarmos todas essas questões, olhando para o nosso próprio eu interior, e pensar

sobre isso, sobre as formas que temos conseguido nos qualificar mais para educação, nos planos de carreira dos professores, nas condições precárias de trabalho, na falta de recursos dentro das escolas. Mas o mais importante de tudo isso é lutarmos para que as coisas mudem, e não deixarmos as coisas erradas serem naturalizadas no nosso cotidiano, como algo normal.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Laura S. **Trabalho Infantojuvenil e formação humana: limites na potência ontológica e banalização dos sujeitos de direitos.** In: Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 8 n. 1, p. 137 -153, mar/jun. 2010

FONSECA, Laura S. (org). XIV **Salão de Extensão SEURFRGS.** 2013

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998 – 2ª edição.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida**. IN: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (orgs). *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013 – 2ª edição.

GOMES, Martina. **Educação e Trabalho Infantojuvenil** – um recorte no Estado da Arte. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia, FACED/UFRGS 2010/2.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** Disponível em www.scielo.br – Acesso em 15 de novembro de 2013

KUENZER, Acácia. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social de escola. IN: FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Crise do Trabalho**: Perspectivas do final do século. Petrópolis, Vozes, 1998.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OZÓRIO, Júlia. **Políticas Públicas e a Escola: um olhar sobre uma política de governo em uma Escola Estadual de Porto Alegre – RS**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia, FACED/UFRGS 2010/2.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema do contexto brasileiro.** In: Revista Brasileira de Educação v.14 n.40 jan./abr. 2009

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação, v.12, n.34, jan./abr. 2007.